

DAS UNHEIMLICHE - O INFAMILIAR NO FANTÁSTICO “O HOMEM DA AREIA”¹

ANA NEJAR²

“Nosso inconsciente não tem lugar para a ideia da própria mortalidade” (FREUD, 1919. p. 269).

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo tratar sobre um dos termos mais aprofundados na pesquisa psicanalítica: Das Unheimliche. Título do texto de Freud de 1919, fora traduzido em inúmeros significados, justamente pela sua complexidade. O mecanismo deste duplo entranhado no inconsciente, bem como a relação de Freud com a literatura - e do quanto se apoiou nela para explicar o funcionamento do psiquismo -, integram o porvir, com a apresentação do conto O Homem da Areia, de E.T.A. Hoffmann, utilizado por Freud para ancorar a magnitude deste vocábulo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, fantástico, complexo de castração, estranhamento, inquietante, infamiliar.

Freud soube como ninguém captar a essência do inconsciente na literatura. Dela, bebeu temas e estendeu suas palavras como um tapete alegórico, esmiuçou a ficção, cunhando conceitos que fundaram e perpetuaram a psicanálise. De casos clínicos a uma conexão entre mitologia e romance, alicerçou o submundo que nos enraíza neste mundo. Do sonho, da fantasia, do chiste até revirar obras e nos descortinar o psiquismo. O fantástico guardado em cada um. Como lidamos com o que não sabemos lidar?

O ensaio Das Unheimliche (1919) inaugura uma nova etapa de suas investigações. A partir do conto O Homem da Areia, de E.T.A Hoffmann (1815), Freud aborda o estranhamento que ronda o humano e geralmente o catapulta à repetição.

De sua veia curiosa, Freud desenrola a expressão ao máximo, dedicando-se com afinco a investigar cada detalhe, derramando significados e as possibilidades de entendimento deste vocábulo que se mostra como um dos mais complexos e cujas traduções deixam margem a inúmeras interpretações. Tanto que perpassa grande parte deste ensaio a desfiar a etimologia e, ainda assim, percebemos a multiplicidade de seu entendimento em variados idiomas.

Em latim (*locus suspectus*), local suspeito; em grego (*xénos*), estrangeiro, estranho; em inglês (*uneasy*), inquietante, (*uncanny*) sinistro, (*gloomy*) sombrio; em francês, (*inquiétant*) também inquietante e (*sinistre*) sinistro, além de (*lúgubre*) lúgubre e (*mal à son aise*), que provoca mal-estar; em espanhol (*sospechoso*) suspeito, (*de mal agüero*), de mau agouro, bem como (*lúgubre e siniestro*), lúgubre e sinistro; em árabe e hebraico, equivale a demoníaco e aterrador (FREUD, 1919, p. 35).

Também uma abordagem curiosa é permitida com a leitura do verbete do dicionário dos Irmãos Grimm: “Um aspecto fundamental para a psicanálise, relativo ao seu sentido sexual: heimlich designa não apenas as partes íntimas do corpo humano, como também são mais suscetíveis ao risco de ferimento, evocando indiretamente a angústia de castração” (1919, p. 17).

INTRADUZÍVEL

Base para outros textos emblemáticos, como Além do Princípio do Prazer (1920), Freud se ampara justamente na literatura fantástica para exemplificar o mecanismo obscuro e latente do jovem Nathanael,

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Estudos do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 19 de junho de 2021.

² Ana Nejar é jornalista e membro em formação no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

que grifa erroneamente como Nathaniel, rival e inspiração literária de Hoffmann, o norte-americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864).

Freud eviscera Das Unheimliche. Escrutina a mente sob sua lupa curiosa, não se contenta à aparência, ao gesticular do sujeito, mergulha na angústia recorrente, esse calabouço onde Nathanael está inserido, absorto e repleto de fantasias e de uma gana que o enlaça a cada encontro com o temido Homem da Areia. “Nenhum vocábulo freudiano apresenta tantas variações e tantas soluções diferentes. Estamos diante de um ‘intraduzível’: o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir” (CASSIN, 2018, p. 17).

O VER/OS OLHOS/A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Marca recorrente no conto é a relação entre o protagonista com os olhos. Da história contada pela babá, de que o Homem da Areia arrancaria os olhos das crianças malcriadas até a fixação pelos olhos de sua amada Olímpia, culminando com a visão do arqui-inimigo do alto de uma torre, o protagonista ratifica a temática freudiana.

A experiência psicanalítica nos diz, que o medo de ferir ou perder os olhos é uma terrível angústia infantil. [...] Não há o costume de dizer que uma pessoa cuida de algo como ‘a menina dos olhos’? O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos nos ensinou que o medo em relação aos olhos, o medo de ficar cego, é frequentemente um substituto para o medo da castração. O ato de cegar a si mesmo, do mítico criminoso Édipo, é apenas uma forma atenuada do castigo da castração [...]. Não aconselharia a um opositor da concepção psicanalítica evocar justamente essa história de Hoffmann para sustentar a afirmação de que o medo relativo aos olhos é algo independente do complexo de castração. Pois por que esse medo é aí colocado em relação íntima com a morte do pai? Por que o Homem da Areia sempre surge para perturbar o amor? (FREUD, 1919a, p. 346-47)

O TRAÇO DO AUTOR EM CENA

No conto de Hoffmann, nota-se a presença do autor, como se quisesse enfatizar sua relação estreita com a história, deixando transparecer a comoção diante da fragilidade do protagonista.

Não se poderia inventar nada demais insólito e esquisito do que aquilo que aconteceu com o meu pobre amigo, o jovem estudante Nathanael, e que eu decidi contar-lhe, excelente leitor! Você vivenciou alguma vez, benevolente leitor, algo que preenchesse totalmente o seu peito, sentidos e pensamentos, deixando tudo mais de fora? Algo que fervesse experimentasse dentro de você, o sangue em brasa saltando nas veias, avermelhando mais e mais as suas faces. O seu olhar seria tão insólito como se quisesse captar figuras no espaço vazio, que não são visíveis a nenhum olho, e a fala se desfaria e lúgubres suspiros. Então os amigos que perguntariam: ‘Como você está, prezado? - O que você tem, estimado amigo?’ [...] Mas cada palavra, tudo aquilo de que a fala é capaz, parecer-lhe-ia incolor e gélido e morto” (HOFFMANN, 1815, p. 237-38).

Freud faz o mesmo seguidamente em sua obra, e até por vezes, desvela a incapacidade de alcançar um pensamento hermético do saber psicanalítico, como exemplifica Paulo César de Souza, em As palavras de Freud. “Lembremos de passagens como esta, do artigo A transitoriedade”: “isso não compreenderemos, e não conseguimos explicar até o momento”. Ou ainda em “Homem dos Lobos” (redigido praticamente todo no final de 1914 e publicado em 1918), quando parte para especulações audaciosas sobre a vida afetiva inconsciente do protagonista: “Receio que também neste ponto a crença do leitor me abandone”.

É acolhedora sua maneira de abraçar o leitor diante do seu próprio estranhamento a algumas situações da clínica e do cotidiano. Ao se surpreender ou não ter entendimento completo acerca de uma teoria, encontrando um desfecho razoável, Freud se deixa vulnerável e estende seu olhar para que outros olhares

possam também se surpreender, possam se questionar e aprofundar-se no termo de extensos significados.

Como exemplifica aqui Paulo César de Souza: “Um traço marcante do prosador Freud é a relação de camaradagem, quase de cumplicidade que logra estabelecer com leitor. Todo escritor, seja qual for o texto, e de modo consciente ou não, assume determinada (s) atitude (s) ante o leitor: de simpatia, benevolência, indulgência, indiferença, desdém, arrogância, etc. Atitude que deriva, em boa parte, da personalidade do autor; mas também do leitor que ele ‘cria’ em sua mente, ao pressupor o que pode esperar dele”.

O OBSCURO EM NÓS

O mais impactante no conto de 1815 é a maestria com que Hoffmann conduz o duplo, sem evidenciar uma espécie de propensão à loucura, porém expondo a inquietação recorrente de Nathanael. Em uma das passagens, a personagem Clara, noiva do protagonista, o escreve, na tentativa de fazer-lhe abrir os olhos ao descontrole de sua mente.

A carta, como é possível perceber, passaria facilmente como um escrito freudiano.

Se existe um poder obscuro, realmente hostil e traiçoeiro, que em nosso íntimo desce um fio com o qual nos prende e puxa por um caminho ruinoso e cheio de perigos que nós geralmente não tomaríamos - se esse poder existe, então ele deve tornar-se em nós o nosso próprio ser, como nós mesmos o formamos, pois somente assim acreditaremos nele e lhe daremos ou espaço de que precisa para realizar aquela obra secreta. Se tivéssemos um espírito fortalecido por uma vida serena, firme o suficiente para sempre reconhecemos essa influência alheia e hostil enquanto tal, e para seguirmos com passo tranquilo o caminho para o qual a inclinação e a vocação nos impelem, assim provavelmente aquele infamiliar poder sucumbiria na luta vã para a formação daquilo que nossa própria imagem no espelho deveria ser. [...] É o fantasma de nosso próprio ser, cujo íntimo parentesco e cuja profunda influência em nosso ânimo nos lança ao inferno, ou nos eleva até o céu” (HOFFMANN, 1815, p. 234).

Nathanael já adulto está convencido que o homem que causou a morte de seu pai está próximo. A tragédia infantil ocorrera em sua casa, quando pai e o advogado Copellius faziam experimentos químicos no escritório paterno. Uma explosão culminou na morte do amado pai, no sumiço do advogado, por quem as crianças tinham pavor e nojo (por ter mãos peludas e colocá-las nas guloseimas das crianças).

O temor do Homem da Areia perseguia Nathanael antes mesmo do luto paterno. Para incentivar os pequenos a dormir, a mãe insistia: andem, antes que o Homem da Areia venha. Em idade para não confiar na história contada pela babá, de um homem mau que aparecia e jogava areia nos olhos das crianças, estes saltavam das cabeças e eram levados pelo sinistro, o menino, curioso, fez uma investida para desvendar o que se passava à noite no escritório do pai. Resolveu se esconder, viu o pai e o advogado em túnicas pretas, as chamas do fogão, onde emergiam criaturas sem olhos, ouviu o temível Coppelius pedir olhos ao pai. O menino, apavorado, gritou e foi agarrado pelo advogado pelos braços e pernas: agora temos olhos, olhos de crianças!, vociferava o advogado. O pai o livrou da situação. Por duas semanas, o menino teve febre alta e acordava perguntando à mãe se o Homem da Areia tinha ido embora.

Na faculdade, um dos professores (de Física, Spalanzani) mantinha uma relação comercial com um mecânico piemontês, chamado Giuseppe Coppola, por quem Nathanael acreditou ser por muito tempo o advogado Coppelius. Não bastasse a desconfiança do jovem, Coppola o visitou a fim de ofertar-lhe mercadorias. Pela sua inabilidade com a língua, Nathanael entendeu que o homem estranho vendia olhos e atravessou outra crise, amainada apenas quando o italiano começou a jogar pares de óculos pelo aposento e sugeriu a compra de binóculos.

Àquela altura, Nathanael alterado, porém menos impactado com o mecânico e, como estava fascinado com a imagem de uma jovem que residia no prédio em frente, aceitou pagar uma pequena soma por objeto tão prosaico. A mulher em questão era filha de seu professor. Olímpia era a perfeição. Dos traços ao olhar fixado, foi conquistando o jovem, que passou a esquecer sua noiva Clara e se dedicou a

conquistar a vizinha. Por mais que os amigos suspeitassem dos atributos de Olímpia, um deles, justamente chamado Siegmund, o advertiu: “Ela nos pareceu rígida e sem alma [...] Poderia ser considerada bela, se o seu olhar não fosse tão destituído de brilho vital, sem visão, eu diria” (HOFFMANN, 1815, p. 254-55).

Nathanael encontrava-se apaixonado por aquela mulher que ouvia seus poemas sem bocejar, sem brincar com cachorrinhos ou fazer tricô, como sua noiva fazia sempre. E contestava as opiniões dos mais próximos. “Olímpia talvez possa parecer infamiliar para vocês, homens frios e prosaicos. Apenas ao ânimo poético se mostra o ânimo da mesma natureza” (HOFFMANN, 1815, p. 255).

Nathanael nunca havia tido uma ouvinte tão atenta. Mesmo com o laconismo da amada, pensava consigo: O que são palavras - palavras? Decidido a selar a união, arrebatou o anel dado por sua mãe e correu para a casa de Olímpia. Presenciou, então, o embate entre o professor e Coppola, que puxavam seu grande amor pelos braços e pernas, até ser levada escada abaixo pelo mecânico. Nathanael viu, enfim, que sua adorada era uma boneca de madeira, com buracos negros nos olhos. O professor estava ferido, gritava que Coppola havia roubado seu autômato, que levava duas décadas para criar. Então atirou os olhos ensanguentados do chão ao jovem, que teve um ataque de fúria e tentou estrangular o professor. Sendo contido por populares e por seu amigo Siegmund, Nathanael foi levado a um hospício. Após sua recuperação, ao lado de familiares e da sua noiva, quando tudo parecia em paz, em um passeio pela cidade, decide subir com Clara a uma torre e de lá avista Coppelius. Outro ataque, que se consagra no desfecho da história de Nathanael, depois de tentar jogar Clara das alturas, salva pelo irmão, é o próprio quem dará fim ao seu suplício psíquico, se jogando ao solo, após a fala de Coppelius de que ele mesmo iria para baixo por si.

A ELABORAÇÃO

Mais uma tragédia a qual Freud se debruça e analisa magistralmente.

Na infância, o pai e Coppelius representam dois opostos em que a ambivalência dividiu a imago paterna: um ameaça com a cegueira (castração) enquanto o outro, o pai bom, intercede pelos olhos do filho. [...] Na cena de horror infantil, Coppelius após resolver não cegar o menino, desatarraxou-lhe os braços e as pernas, isto é, mexeu nele como um mecânico numa boneca. Esse traço peculiar, que extrapola a imagem que se tem do Homem da Areia, introduz um novo equivalente de castração [...] Essa boneca (Olímpia) não pode ser outra coisa que a materialização da figura feminina de Nathaniel (grafado com i) ante seu pai na primeira infância. [...] Olímpia é, digamos, um complexo desprendido de Nathaniel, que se lhe defronta como uma pessoa; o domínio por esse complexo acha expressão no amor por Olímpia, absolutamente obsessivo. Podemos chamar de narcísico a esse amor, e compreendemos que quem ele sucumbiu torne-se alheio ao objeto real de amor. A justeza psicológica da noção de que o menino fixado ao pai pelo complexo de castração vem a ser incapaz do amor à mulher é mostrada por numerosas análises de doentes, cujo teor é menos fantástico, mas quase tão triste quanto à história do estudante Nathaniel. E.T.A. Hoffmann foi filho de um casamento infeliz. Quando ele tinha três anos, seu pai abandonou a pequena família e nunca mais voltou a viver com ela [...] a relação com o pai sempre foi um dos pontos mais delicados da vida emocional do autor (FREUD, 1919a, p. 348-49).

Impressiona o detalhe o qual Freud se prende. Ao final de O Homem da Areia, E.T.A. Hoffmann dedica um parágrafo para explicar que Clara, anos depois, “teria sido vista sentada à porta de uma bela propriedade rural, de mãos dadas com um homem simpático, brincando com duas crianças saudáveis. Teria encontrado a tranqüila felicidade doméstica que o interiormente dilacerado Nathanael jamais lhe teria podido proporcionar” (HOFFMANN, 1815, p. 263). Como se o próprio Hoffmann reescrevesse sua infância atormentada, dando um final feliz e uma família harmoniosa a ele mesmo. A sublimação pela escrita, única capaz de aplacar sua dor.

É com uma frase do Homem da Areia que concluo essa viagem por Das Unheimliche: “Talvez então você acredite, ó meu leitor, que nada é mais extraordinário e louco do que a vida real, e que o poeta só poderia captá-la como num reflexo escuro de um espelho fosco” (HOFFMANN, 1815, p. 239).

REFERÊNCIAS

CASSIN, Barbara (Coord.) *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Volume um: Línguas. Organização Fernando Santoro, Luísa Buarque. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, Sigmund, O inquietante (1919a). In: _____. *Obras completas*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, volume 14.

FREUD, Sigmund. O infamiliar [Das Unheimliche] (1919). In: _____. *Obras incompletas*. Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HOFFMANN, E. T. A. O homem da areia (1815). In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas*. Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). Tradução: Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud*. O vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.